
Kung Fu Panda e a Autopercepção: um estudo sobre o tratamento dado ao corpo e à mente pelos jovens do século XXI¹

Giovanna Pordeus Brandão MONTEIRO²
João José de Santana BORGES³
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, Bahia

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar os dois primeiros filmes comerciais infantis da franquia Kung Fu Panda, que possuem reflexões acerca do desenvolvimento da mente humana e da relação dela com o corpo. À luz dos autores Everardo Rocha e Umberto Eco será discutido se a imagem que a Indústria Cultural repassa sobre elas pode contribuir positivamente para uma possível mudança de pensamentos e de comportamentos dos jovens, incentivando-os a buscar o autoconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: produção cinematográfica; indústria cultural; corpo; mente humana; jovens.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto procura refletir a experiência do grupo *Corpoética*, no que diz respeito ao uso de cenas de filmes infanto-juvenis como parte constitutiva da atividade educacional sui generis empreendida por ele. Esse grupo de pesquisa tem realizado oficinas de yoga nas escolas de ensino fundamental e médio da rede pública na cidade de Juazeiro-BA, além de aulas dessa prática na própria universidade, como parte do projeto de extensão que leva o mesmo nome.

A atividade, que foi realizada junto aos adolescentes do Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e Negócios do Norte Baiano (CEEP), consistiu em cumprir algumas etapas, parcialmente cumpridas até então. O primeiro módulo da experiência consistiu em apresentar grupo *Corpoética* e o projeto a ser desenvolvido, e explicar a dinâmica de funcionamento aos adolescentes, e contou com a presença de duas professoras da escola. Neste momento inicial, o objetivo era fazer com que os estudantes descobrissem o yoga enquanto atividade de autopercepção e expressão

¹ Trabalho apresentado na II06 do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, e-mail: giopordeus@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, e-mail: joaomundo1@gmail.com

autêntica de Si mesmo – uma tentativa, de fato, conquistada ao longo dos módulos seguintes –, de criar um ambiente seguro para que pudessem expressar como se sentem e como estão vivenciando aqueles exercícios físicos, respiratórios e de atenção plena, oriundos do yoga.

O segundo módulo da atividade consistia em convidar os estudantes presentes na sala a assistir, após a prática de yoga, algumas cenas da temporada de 2017 da novela *Malhação*, exibidas pela Rede Globo de Televisão, e expressassem a maneira com que interpretavam aquelas cenas, e como as temáticas eram vivenciadas – se, de fato, eram – por eles, em suas vidas. Tal atividade de recepção foi facilitada por um dos membros do grupo Corpoética, como parte ou subprojeto da pesquisa maior. Entretanto, assim como em todo o projeto, a construção de sentido sempre se pautou pela coparticipação, pela possibilidade – algo inusitado em uma sala de aula – e pela oportunidade dada aos jovens de poderem falar de si mesmos, de seus dramas existenciais e emoções, e se sentir apoiado pelo grupo, em um ambiente de confiança e harmonia, certamente facilitado pela prática de yoga.

A etapa seguinte do projeto se designava em exibir cenas de dois filmes comerciais infantis que, de algum modo, comunicassem valores e visões de mundo e de corpo, algo semelhante ao universo do Yoga. Os que serão aqui analisados correspondem a produtos culturais facilmente acessíveis na mídia. Foram bastante assistidos em sessões de cinema, uma vez que as bilheterias de ambos os filmes ultrapassaram a marca dos 600 milhões e normalmente encontram público cativo, ávido pelo entretenimento e diversão que tais filmes proporcionam, como o infanto-juvenil.

Entretanto, o aspecto mais importante dessa análise diz respeito à notável influência que certas visões de mundo tomadas como orientais – entre elas, o yoga – exercem sobre a concepção dos filmes e de seus personagens. Certamente, a proposta, que está inspirada em Umberto Eco, tenderá a expor um argumento comumente associado aos chamados “Integrados”, que salientam o quanto a Indústria Cultural permite dar acesso às múltiplas visões de mundo, incluindo as orientais, contraponto o ponto de vista dos “Apocalípticos”, autores da tão discutida Teoria Crítica, que reduzem a importância da mesma.

Este é um argumento que, levado às últimas consequências, evidenciam um certo descontrole pelas representações hegemônicas do mundo, na medida em que possibilitam, ainda que de forma estereotipada, que novos modos de ser e novas

condutas sejam apreciadas pela recepção “escravizada” por uma “visão unidimensional” da vida e do ser humano.

A INDÚSTRIA CULTURAL

A Indústria Cultural teve seu lado negativo bastante exposto e esmiuçado nos estudos de Adorno, Horkheimer, Marcuse e Walter Benjamin, por exemplo, que cunharam, cada um à sua maneira, os fundamentos epistêmicos, filosóficos e sociológicos da chamada Teoria Crítica.

Foi quando este rico arcabouço teórico ganhou, então, uma operação reducionista no importante trabalho de Umberto Eco. O ilustre semioticista tratou de sistematizar os argumentos críticos à Indústria Cultural, percorridos pelos autores da Teoria Crítica, que ele classificou como “Apocalípticos”, contrapondo-os aos argumentos de defesa da mesma, com um grupo de autores e produtores culturais que ele identificou como “Integrados”. Como peças de um tribunal, o paradigma crítico se instalou.

Os ecos desse tão famoso debate ainda reverberam nos trâmites da disciplina, e os fundamentos da Teoria Crítica estão longe de ser datados. Seus argumentos resistem ao tempo: “a mídia é uma máquina reprodutora da ideologia dominante”, que “vende emoções enlatadas”, que nivela o gosto “médio”, destituído de “valor estético e existencial”, empobrecendo a recepção com conteúdos superficiais e vazios de consciência histórica. Tais argumentos podem ser acionados sempre que quisermos dar um acento crítico à análise midiática hodierna.

Todavia, seguindo os passos de Eco, é possível recorrer a uma de suas conclusões: uma vez que a Indústria Cultural é um fenômeno irreversível no presente estágio da sociedade pós-industrial capitalista, o que resta é investigar os sentidos que portam, a fim de “torná-los culturalmente melhores”. Tal empreendimento inspira parte do estudo aqui a ser realizado neste artigo.

O YOGA

Embora a visão convencional que se tem dessa prática aponte somente para exercícios e posturas psicofísicas, técnicas de relaxamento e de meditação, o grupo

Corpoética tem experimentado e tematizado os aspectos filosóficos e comportamentais dessa tradição, que são igualmente relevantes. Valores como *Ahimsá* – a não-violência – ou *Satya* – a veracidade – são tidos como muito importantes para a prática consistente do yoga contemporâneo, embora estejam inscritos na vasta tradição milenar, e muito pouco discutidos nos lugares onde se praticam as técnicas, como academias, núcleos, institutos etc.

A proposta do yoga – levando em consideração todos os aspectos aqui citados – como processo educacional consiste, em parte, em fazer reacender as aspirações que os valores inspiram. Isso em meio a um universo de celulares e redes sociais, numa geração em pouco se busca e se valoriza o autoconhecimento, onde as saúdes mental e física não são respeitadas, e numa era cada vez mais dominada pelas performances e ansiedades irrefreáveis e pouco dadas à reflexão, à contemplação, ao silêncio.

As duas produções cinematográficas que serão aqui analisadas correspondem a produtos culturais facilmente acessíveis na mídia. Foram bastante assistidos em sessões de cinema, como já citado anteriormente, e, normalmente, encontram público cativo, ávido pelo entretenimento e diversão que tais filmes proporcionam.

O JOVEM CONTEMPORÂNEO E A RELAÇÃO COM O CORPO E A MENTE

O jovem do século XXI possui um estilo de vida veloz, eufórico e imediatista. Ele está sendo cada vez mais moldado a viver para, além de saciar vontades nem sempre necessárias, muitas vezes implantadas em suas mentes pela cultura de massa, dedicar a sua vida a estudar e trabalhar para alimentar uma “fábrica de desejos insaciáveis”, que é o sistema do mundo moderno. As consequências dessa demasiada doação de tempo a fatores externos ou, em sua maioria, triviais a sua vida, têm sido uma significativa contribuição para a manutenção de uma sociedade cada vez menos preocupada com a saúde da mente e do corpo. Que, por nem sempre conseguir corresponder às essas expectativas a ela impostas, e por ter se esquecido de suas reais necessidades, se frustra e adocece, e não sabe como reagir.

A percepção comum considera que os jovens não possuem o costume de refletir sobre o estado psicológico e físico nos quais se encontram, pois simplesmente não foram educados a fazer isso, e nem lhes foi salientado que, uma hora, talvez fosse necessário. É que os valores disseminados pela cultura de massa os ensina que só se

consegue chegar a um estado de plenitude e realização pessoal e profissional, quando se destacam, sendo mais rápidos e prestativos do que a maioria, e abdicando, até mesmo, de seu tempo de lazer e de cuidado à própria saúde para se sujeitarem a satisfazer os desejos do mundo moderno.

É por causa desse surrupio do precioso tempo necessário ao próprio eu, que, muitas vezes, essas pessoas não sabem identificar a necessidade que a própria mente e corpo têm de “desacelerar”, de descansar ou de parar realmente. Já estão acostumadas ao ritmo frenético das rotinas atribuladas de estudos e trabalhos, oriundas dos exageros e da falta de limites próprios ou das falsas necessidades as quais são expostas e/ou induzidas a acharem que têm.

Todo esse modo acelerado de se comportar faz com que esses jovens tenham, também, dificuldade em entender que precisam viver suas vidas e resolver seus problemas em seu próprio tempo e espaço, sem se nivelarem aos de ninguém. E isso conduz um fio para outro tema: a falta de preparação para lidar com a sensação de perda de controle de uma situação. Eles não sabem como reagir quando algo sai do seu poderio e não seguem o fluxo que havia planejado, nem mesmo aos mais comuns e pequenos fracassos do dia a dia, como uma nota baixa em uma prova; entendem esses acontecimentos como um estigma que definirá seu futuro.

É por causa desse grande desgaste físico e mental, gerados pelas frustrações de não conseguirem concretizar tudo isso, que há grandes possibilidades desses jovens adquirirem doenças como ansiedade e depressão, que é o que vem acontecendo com cada vez mais frequência. No Brasil, por exemplo, isso pode ser confirmado com base em uma pesquisa feita pelo Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (em inglês, Pisa), que aponta que os alunos do país estão em segundo lugar no índice dos que mais sentem ansiedade para realizar uma prova escolar.

KUNG FU PANDA: PERSONAGENS E CENAS

As produções cinematográficas comerciais infantis escolhidas para serem analisadas foram as duas primeiras, das três sequências da franquia *Kung Fu Panda*. A franquia, em cada um dos filmes, dentro do enredo principal que os caracteriza, aborda, de forma geral, questões sociais pertinentes e até comuns ao ser humano, como

questionamentos e dúvidas acerca da própria existência e de uma possível missão terrena.

Além disso, ela traz, ainda, a importância da valorização do próprio eu, bem como o respeito às pessoas com personalidades e estilos de vida diferentes, e a aceitação delas dentro do ciclo social, como forma de evolução. Todas essas temáticas são de grande importância para o debate sobre a corporeidade e o desenvolvimento da mente, assuntos bastante similares ao que é estudado e disseminado em práticas como o yoga. Everardo Rocha (1995, p. 69), inspirado em Umberto Eco, pondera que “a Indústria Cultural é a possibilidade real de tudo e de todos, sob determinadas circunstâncias, comunicarem-se. É a extensão própria de uma sociedade e de uma técnica”.

A exploração e explanação desses temas foram feitas, dentro dos filmes, de forma clara e direta, mas bastante sutil. E, mesmo focando nos jovens, aqui neste artigo, é importante ressaltar que foi uma maneira ainda mais fácil de ter feito os adultos também captarem as lições.

Os filmes se passam em um povoado fictício da China chamado Vale da Paz, onde o panda Po, grande admirador do Kung Fu, mora com seu pai adotivo, e trabalha num restaurante fazendo macarrão. Um dia ele recebe a notícia de que é o escolhido para cumprir uma antiga profecia, relacionada a essa arte marcial, ao lado justamente daqueles que mais admirava dentro dela. É a partir daí que se inicia a jornada de Po sobre o autoconhecimento, a autoaceitação e a necessidade de lidar com pessoas e realidades diferentes da dele.

A fim de entender mais claramente as intenções que as cenas tentam passar, é necessário, primeiramente, fazer uma breve recapitulação de quem são os personagens que as compõem. Em seguida, é imprescindível explicar as cenas e a escolha delas para a análise.

1.1. PERSONAGENS

Po é um panda gigante que, no primeiro filme, de 2008, descobre ser uma importante figura para arte marcial Kung Fu, tanto em relação ao Vale da Paz, povoado onde mora, como ao mundo. Mas, apesar disso ter sido realmente provado, muitas vezes ele ainda se mostra inseguro, além de eufórico e alvoroçado para resolver os conflitos

com os quais necessita lidar. Em *Kung Fu Panda 2* (2011), ele descobre que precisa encontrar sua própria paz interior para conseguir vencer o maior vilão do filme.

O Mestre Oogway é uma velha e sábia tartaruga. É calma e pacífica, e auxilia o Mestre Shifu, o panda Po e seus companheiros, Os Cinco Furiosos, a refletirem sobre si mesmos e sobre os conflitos, internos e externos, que precisam resolver, e sobre suas ações e reações perante eles. Provavelmente não foi por acaso que esse animal foi escolhido para representar o papel da sensatez dentro do filme, uma vez que, dentro de algumas culturas, ele representa a sabedoria, o conhecimento e a concentração.

O Mestre Shifu é o treinador de Po. É um panda vermelho rigoroso e bastante dramático, o que chega, em alguns momentos, a torná-lo cômico. Todavia, aprendeu a ter consciência de que é necessário ajudar seu aprendiz em sua evolução espiritual e de amadurecimento dentro e fora do Kung Fu, especialmente neste filme, para que ele consiga derrotar o adversário. Para isso, necessita de paz interior para lidar com o jeito extravagante do aprendiz, e fazê-lo descobrir a sua.

1.2. CENAS

1.2.1. PO, MESTRE SHIFU E A PAZ INTERIOR

A primeira cena pertence ao filme *Kung Fu Panda 2* (2011). Ela mostra um diálogo entre Po e Mestre Shifu sobre “paz interior”. O treinador está meditando, quando seu aprendiz chega atônito, afirmando que precisa descarregar sua energia em alguma coisa. Então eles comentam sobre paz interior, e Po questiona a Shifu de que forma é possível alcançá-la.

Ao observar o diálogo que se desenvolve entre os dois personagens, é possível perceber que a cena valoriza e destaca a presença do autoconhecimento corporal através da concentração, representada na figura do Mestre Shifu. Ou seja, demonstra que o físico e o mental precisam se conectar, para que haja equilíbrio e se consiga chegar à plenitude.

Entretanto, isso é algo que, aparentemente, não faz parte da realidade dos jovens do século XXI. Basta observar e acompanhar seu dia a dia, para perceber que a maioria deles sofre com problemas sérios de concentração e de cansaço, inclusive ao mesmo

tempo. A rotina os obriga a estarem ativos o tempo inteiro, a não pararem, como se tivessem que permanecer “ligados na tomada” o tempo inteiro.

Essa situação dificulta o cuidado com o próprio eu, pois a mente e o corpo acabam não recebendo descanso suficiente para se recuperarem da carga de informações e tarefas recebidas ao longo de um determinado período. O resultado disso pode ser o aparecimento de distúrbios do sono, como insônia.

Respondendo ao pupilo, o Mestre Shifu afirma que se deve enxergar que um problema aparentemente sem solução, pode, na verdade, estar vindo de si mesmo, e não de fatores externos ou vindo de outras pessoas; e que só depois dessa conscientização, é que é possível enxergar a situação com mais clareza e resolvê-la da melhor forma que encontrar.

1.2.2. PO, MESTRE OOGWAY E O PRESENTE

A segunda cena escolhida pertence ao primeiro filme, *Kung Fu Panda* (2009). Po desabafa para o Mestre Oogway sobre sua insatisfação relacionada ao desprezo dado por seus companheiros de Kung Fu, os Cinco Furiosos, e por seu próprio mestre, Shifu, sobre sua insegurança em não acreditar que é, de fato, importante para o cumprimento da profecia, e, ainda, sobre sua preocupação em não conseguir realizar sua missão.

No personagem Po, é fácil identificar características e comportamentos da maioria dos jovens de hoje em dia. São seres que foram ensinados, pela sociedade industrial, a serem inseguros, incrédulos em si mesmos, e a buscarem aceitação e aprovação de todos, se frustrando quando não as conseguem.

Contribuindo com essa perspectiva, a todo o instante isso é reiterado pela cultura de massa, que tenta provar, através de suas imposições e padrões, que eles não são suficientes, os exigindo cada vez mais. E essa ação, seja, talvez, o principal fator responsável pelo desenvolvimento da ansiedade e da depressão que, cada vez mais rápida, intensa e em larga escala, acomete os jovens, tendo a possibilidade de desencadear outras doenças, como as ligadas diretamente ao coração. É o que aponta uma pesquisa feita pela Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (Erica).

Como lição dessa cena, o Mestre Oogway revela para Po a importância de viver e valorizar o tempo presente, que está acontecendo naquele exato momento, e de não se preocupar com o que já passou nem com o que ainda vai acontecer. De forma indireta,

fala sobre viver um dia de cada, resolvendo um problema por vez, sem se deixar influenciar pelo passado, nem se intimidar pelo futuro. A cena foi intitulada de “Viva o presente”.

1.2.3. MESTRE OOGWAY E MESTRE SHIFU

A terceira cena eleita também compõe o primeiro filme e é caracterizada por um diálogo entre, novamente, o Mestre Oogway, e, dessa vez, o treinador de Po. O Mestre Shifu vai anunciar à sábia tartaruga que a luta final, a qual todos ali aguardam e se preparam, se aproxima, e ele acredita não haver esperanças de que seja vencida, pois, do seu ponto de vista, seu aprendiz, Po, não é quem esperavam que fosse.

A cena em questão aborda dois assuntos que se conectam entre si. Um diz respeito ao fato da ideia de ter tudo sob controle ser uma falácia, e o outro, de que é preciso acreditar verdadeiramente que se é capaz de fazer e/ou ser algo, para então, conseguir de fato.

Eles podem ser abertamente trazidos para um debate real, quando se pensa na realidade dos jovens dos anos 2000, que tentam manter quantas coisas podem sob seu controle, e, quando o perde em alguma situação, levam isso tão a sério, que são acometidos por uma carga exagerada de sentimentos de insegurança e impotência, além de descrença de que são capazes de resolvê-la, ou da teimosia de se recusarem a entender que nem tudo depende deles. São

Como em todas as cenas em que aparece, o Mestre Oogway explica, com sabedoria, a Shifu, que por mais que se tente controlar tudo ao redor, sempre existirão coisas que independem da vontade de alguém para existirem e acontecerem. E que isso é absolutamente normal. E acrescenta, também, que é preciso acreditar, primeiramente, que se é capaz de mudar algo que se deseja, pois a crença tem que partir de si mesmo. A cena se chama “Somos o que acreditamos”.

REFERÊNCIAS

MORAES, Ana Luísa. **Índices de ansiedade estão altíssimos em escolas brasileiras.** Saúde é Vital. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/ansiedade-estresse-altos-escolas-brasileiras/>>. Acesso em: 21 maio 2018.

PAINS, Clarissa; **Um em cada três adolescentes no país sofre de transtornos mentais comuns.** O Globo. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/um-em-cada-tres-adolescentes-no-pais-sofre-de-transtornos-mentais-comuns-19356875>>. Acesso em: 23 maio 2018.

ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo.** Edição: Rio de Janeiro, 1995. Mauad Editora Ltda. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=vYVf_ll8jX4C&pg=PA65&lpg=PA65&dq=que+vende+emo%C3%A7%C3%B5es+enlatadas+teoria+critica&source=bl&ots=D9NcsdO_ai&sig=3peieELIE8amdgyGrTdvsIlgPRgE&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjindf5xJzbAhXJDJAKHTslCusQ6AEIMTAB#v=onepage&q=que%20vende%20emo%C3%A7%C3%B5es%20enlatadas%20teoria%20critica&f=false> Acesso em: 23 maio 2018.